

...FEITO POEIRA AO VENTO...

Dirceu da Costa Maués
dmaues@yahoo.com
Universidade de Brasília

ISSN 2316-6479

Este trabalho foi realizado a partir da animação de uma seqüência de 991 fotografias captadas em uma única ação (quatro horas de duração) com câmeras artesanais pinhole (construídas a partir de caixinhas de fósforo). pinhole é um termo em inglês que pode ser traduzido como “furo de agulha”. Portanto, uma câmera pinhole é uma câmera fotográfica que, para captura da imagem, utiliza um pequeno orifício no lugar de uma lente. O vídeo mostra, em 3,5 minutos, a transmutação do espaço/movimento da feira em um giro de 360 graus. Vai do frenético movimento, da agitação e burburinho, do início da feira, ao esvaziamento desse espaço. Faz uma volta completa, mostrando sua transformação. Cíclico como as marés, que tem seus momentos de cheia e de vazante; que vai e que vem; que sobe e desce. Sob um tempo que não é o tempo real (do instantâneo), nem o tempo urbano dos relógios, mas o tempo (im)preciso de uma câmera artesanal, sem visor nem lente. Um tempo que está longe do desenvolvimento tecnológico, longe dessa urbanidade sufocante da cidade.

“...feito poeira ao vento...” é quase um vídeo performance. Suas quatro horas de ação para captura das imagens, no meio da feira, ao mesmo tempo chamou atenção dos feirantes como se confundiu com eles. É um vídeo às cegas e apostando no acaso, no eventual. A ação, ato de captura, é toda pensada antes, mas o que acontece frente a câmera, acontece sempre ao acaso, seguindo a ordem e a dinâmica própria do lugar. Desde a concepção das câmeras de caixinhas de fósforo até a deflagração do procedimento de captura da primeira imagem, de onde não havia mais volta, todos pequenos erros ou improvisos são assumidos, fazem parte do processo, são características do procedimento artesanal. O que interessa não é mais a perfeição, mas sim essa imagem ruidosa e imprevista. Imagem captada na forma mais simples, subvertendo um discurso da velocidade máxima, do altamente sofisticado e tecnologicamente desenvolvido. Imagem que reflete a resistência da cultura ribeirinha frente ao crescimento urbano desordenado da cidade grande.

O vídeo começa com a projeção de fotografias que rapidamente se aceleram revelando o movimento (cinema). Um movimento quebrado, não linear, que causa certo estranhamento. A imagem é tremida e avança aos solavancos. Personagens aparecem e desaparecem, vem e vão, se desmancham no ar. Pela aceleração, fotografia se transforma em imagem cinematográfica: um cinema cego e manco que tateia a realidade e nos mostra um mundo caótico e ruidoso, pois há um tempo fraturado no momento de tomada das imagens, entre uma imagem e outra. Todo processo de pré-produção e captura das imagens é manual, há nesse trabalho uma poética do fazer, do experimentar o processo. Experimentar para conhecer. Conhecer para compreender: subverter os processos dominantes e alienantes. O resultado se confunde totalmente com o próprio processo de produção da imagem, pois o processo é também uma forma de resistência ao domínio dos aparelhos tecnológicos claramente presentes no meio social.

Minicurrículo

Dirceu da Costa Maués é graduado em Artes Plásticas pela UnB (2012). Mestrando do Programa de pós-graduação em Arte – UnB. Atuou como fotógrafo dos principais jornais impressos em Belém-PA de 1997 a 2008 (O Liberal, Diário do Pará e Amazônia Jornal). Em 2003, iniciou trabalho autoral nas áreas da fotografia, cinema e vídeo, o qual têm como base pesquisas com a construção de câmeras artesanais e utilização de aparelhos precários.